

# 50 ANOS DO 25 DE ABRIL — CIDADANIA E EDUCAÇÃO

————— Fernando Pinto

## Como acordei no dia 25 de Abril de 1974

No dia 25 de Abril de 1974 eu tinha 17 anos, 5 meses e 25 dias. Com os actuais governantes do País, quem sabe, eu teria, por regulamentação oficial, 10 anos, 11 meses e 2 dias. É que a minha opção profissional, desde sempre, foi a educação e o ensino. Comecei no ensino cooperativo e rapidamente passei ao ensino público, e nessa maravilhosa madrugada quem pensaria que 50 anos depois os professores do Ensino Público estivessem sujeitos à humilhação de, por uma decisão burocrática — quiçá, salazarenta —, ser-lhes apagada a realidade concreta, acontecida, das suas vidas, de 6 anos, 6 meses e 23 dias de trabalho efectivamente realizado.

A humilhação sócio-profissional dos professores do Ensino Público é resultado da trágica (des)governança do País pelos principais partidos do chamado “Arco da Governação”: o Partido Socialista (PS), o Partido Social-Democrata (PPD-PSD) e o Partido Popular (CDS-PP).

Nenhum Capitão de Abril terá alguma vez, por mais perfídia que invadissem os seus sonhos do futuro, imaginado uma coisa assim. Nem para isto, nem para muitas outras coisas que aconteceram ao longo destes 50 anos de democracia e “democracia”, se empenharam os militares revoltosos da madrugada redentora da sociedade portuguesa.

Era quinta-feira, dia normal de escola. Eu e o meu irmão, 11 meses mais velho do que eu, dormíamos no mesmo quarto. Entre a minha cama e a dele havia uma mesinha de cabeceira com um rádio, já com leitor de cassetes, e um candeeiro.

Vivíamos no 1.º andar duma moradia na Estrada Nacional 2/4, para chegar à EICA (a Escola Industrial e Comercial de Abrantes), bastava subir a estrada, passar a carpintaria, mais acima a piscina e o Jardim do Hotel, fazer a rotunda de saída da cidade pelo lado mais curto, dar mais meia dúzia de passos e entrar ao portão da escola. Nessa altura vivíamos, como sempre aconteceu, com

a nossa mãe e a irmã mais nova; o nosso pai, sargento-ajudante de Artilharia, estava na Escola Prática de Artilharia, em Vendas Novas, vinha ao fim-de-semana para casa.

No dia 25 de Abril, acordei às horas do costume, liguei o rádio, logo me apercebi dos comunicados do Movimento das Forças Armadas. Chamei a atenção do meu irmão (não me lembro se o acordei ou se ele acordou por ele...) e fomos ao quarto da nossa mãe dizer-lhe o que tínhamos ouvido dos locutores. A essa hora da manhã ainda não havia emissão televisiva, nem da RTP1, muito menos da RTP2. A nossa atenção focou-se totalmente nos diversos postos emissores da rádio.

Excitados com o que estava a acontecer, o meu irmão e eu lembrámo-nos que tínhamos no guarda-fato do nosso quarto, na parte de cima, cada um a sua metralhadora de 2 canos, do tempo em que éramos miúdos. Talvez ainda funcionassem... Metemos 2 pilhas novas em cada uma das armas e depois de vermos que “disparavam” em pleno, cheias de precisão, foram garantir às duas mulheres da casa total protecção contra quem aparecesse a atacar o nosso reduto.

Nesse dia não houve escola. Pelo sim pelo não, fomos até lá, às vezes, quem sabe... Ficámos sem saber por quanto tempo mais.

Para além de esperarmos pelo começo da emissão da RTP, a principal preocupação do dia era a de saber se o militar a sério da família, o sargento-ajudante, estava bem lá no quartel de Vendas Novas. Mesmo sem termos informações, não estávamos preocupados. Quando conseguimos ter contacto com ele, ficámos a saber que tinha ficado detido no quartel durante a noite, mas que estava bem. Não tenho a certeza de que tenhamos ficado a saber isso ainda no dia 25 ou já só no dia 26.

### **Como o 24 de Abril me acordou**

Este acordar já não é o acordar no sentido literal do termo, tem muito mais a ver com o significado geral do “acordar para a vida”. A minha consciência política era, nessa altura, menos do que básica.

O meu pai, como sargento do Exército Português, tinha feito a primeira comissão militar de serviço em Macau (daí o meu irmão e eu sermos orgulhosamente macaenses), a partir de 1954; de Macau voltou à Metrópole, foi para Espinho, para o GACA 3 ( Grupo de Artilharia Contra Aeronaves); e de lá

foi mobilizado, salvo erro, em 1963, para a primeira comissão de serviço em Angola, à qual se seguiu, 3 ou 4 anos mais tarde, uma segunda comissão na mesma província ultramarina; veio ainda a terceira mobilização para a Guerra do Ultramar, em Moçambique. Havia a ideia de que o ambiente de guerra em Moçambique era mais calmo que em Angola, vivemos com mais tranquilidade esta mobilização já em cima dos anos 70. Lembro-me de, talvez em 1973, ter perguntado ao meu pai — não sei se em Abrantes, Lisboa ou Vendas Novas —, já depois de ele ter regressado de Moçambique, se ele iria fazer ainda mais alguma comissão militar no Ultramar. Tenho ainda memória do contido desejo de que a resposta fosse negativa e do alívio que senti quando ele me respondeu que não, que tinham acabado para ele as comissões de serviço no Ultramar.

Lembro-me do dramatismo das despedidas no Cais da Rocha de Conde de Óbidos. O Niassa e o Vera Cruz impressionavam apinhados de militares nas amuradas a dizerem adeus, arrancados aos familiares que os choravam no cais, vencidos por dúvidas e medos. Que nunca a má notícia lhes chegasse um dia a casa! «Adeus, até ao meu regresso!» Ah!, que os filhos embarcados não falhassem a promessa!... O clímax acontecia quando os navios começavam a afastar-se lentamente e os altifalantes do lugar faziam entoar o hino “Angola é Nossa”, era um momento de muito particular intensidade emocional.

Não obstante os 10 anos de crescimento e desenvolvimento pessoal, entre os 6 e os 16, em que foi mais o tempo que vivi sem pai por perto do que com ele ao pé; e em que a grande maioria dos dias tinha a marca da indesejada e permanente expectativa de alguma coisa lhe poder acontecer lá por terras do Ultramar, tal condição de filho de militar na guerra do Ultramar não me trouxe uma consciência política de um mínimo relevo. Pensávamos que o nosso pai cumpria o honroso dever de militar que defendia a Pátria. Foi talvez a partir dos 15/16 anos que comecei a, de vez em quando, a horas certas, sobretudo quando o primo Seco da Costa ia lá a casa, ouvir o que a BBC emitia sobre a situação política em Portugal; mas nunca lhe dediquei atenção especial ou fervor. Só mesmo, talvez, após a publicação do livro do general Spínola “Portugal e o Futuro”, eu comecei a dar atenção mais sistematicamente à vida política portuguesa.

Acontece então o 25 de Abril de 1974. Num processo que nada teve de brutal o Movimento das Forças Armadas foi realizando em mim um constante e robusto processo de transformação pessoal.

Nessa altura eu animava com um colega de sempre, o Rui Miguel, na sede do Montepio Geral, no centro da cidade de Abrantes, um clube de xadrez, o Escaque-64. Ora num dos serões, estando nós lá (isto aconteceu entre Maio e Junho de 1974), eu vejo entrar o meu professor de Introdução à Política (ou de Economia Política, não estou já seguro...). Ele não me viu e eu também não fui ter com ele. Ele num lado e eu noutra, ouço-o dizer para quem estava com ele mais ou menos assim: *«Hoje tive lá na escola um aluno que me perguntou o que era o materialismo dialéctico, e eu vi-me à rasca para lhe responder, não estava à espera daquela pergunta.»* Ora bem, o aluno a que ele se estava a referir era eu mesmo. Eu gostava muito daquele professor, o dr. Consciência. É claro que fiquei contente quando o ouvi, mas enquanto permaneci ali na sede do Montepio esforcei-me para que ele não me visse. Penso que até saí por algum tempo e simulei que entrava na sala pela primeira vez. Se ele me visse, eu dir-lhe-ia que tinha acabado de entrar e perguntar-lhe-ia se ele estava ali há muito tempo.

### **De Abril de 74 a Abril de 75**

No dia de São João de 1974, pais e filhos deixaram definitivamente a Estrada Nacional 2/4 em Abrantes e mudaram-se para a Rua Actriz Palmira Bastos, em Lisboa, no bairro de Chelas, mesmo atrás da estação da CARRIS de Cabo Ruivo. De Abrantes a Lisboa, chovia se Deus a dava! À entrada da nova casa, o passeio ainda por fazer era um bem encharcado lamaçal, desenrascámos algumas tábuas de madeira para fazer um carreiro das berliets do Exército até à entrada do prédio, era preciso descarrega-las de tudo o que levámos da pequena cidade de província para a grande cidade da capital.

Assim que pude, numa das divisórias cheguei-me a uma tomada e liguei o rádio. Esperava que a sintonia em Frequência Modulada debitasse um som mais claro e perfeito, sem ruídos interferentes... Boa! O som saía do aparelho bem melhor do que em Abrantes! Antecipei logo as músicas preferidas que passaria a gravar com aquela qualidade de som!

Eu não era capaz de imaginar quanto aquela rua me iria proporcionar de acontecimentos que só o 25 de Abril podia fazer acontecer. Vou dedicar à rua Actriz Palmira Bastos um capítulo específico nesta memória.

O ano lectivo 1974/75 vou passa-lo, com o meu irmão, na Escola Comercial Patrício Prazeres. Irei concluir o 2.º ano do Curso Complementar de Contabilidade e Administração como campeão escolar por equipas em Basquetebol e

Voleibol; e como campeão individual de Xadrez. E ainda durante o 1.º período fiquei a saber que o camarada Josef Estaline andava na Patrício Prazeres, mas — azar meu! — nunca me cruzei com ele na escola enquanto ele foi vivo.

Antes de ser tri-campeão na escola, bem lá para trás, no início do ano lectivo, fico a saber que a minha professora de Filosofia se chama Maria do Rosário, sendo irmã de alguém que virá, dali a anos, a ser presidente do PPD-PSD, 1.º-Ministro de Portugal e Presidente da República: Aníbal Cavaco Silva — mas nessa altura não se imaginava sequer que o futuro do mano da professora de Filosofia viria a ser assim de tanto destaque, nessa altura apenas tive contacto com Cavaco Silva como cidadão algarvio. O que foi mesmo muito engraçado foi tomar conhecimento do manual de Filosofia que a professora nos manda comprar: “Princípios Elementares de Filosofia” de Georges Politzer. Finalmente eu iria ter resposta à pergunta que em Abrantes, na EICA, fizera ao professor Consciência sobre o materialismo dialéctico! Quem melhor que o marxista Politzer para dar a resposta?

O meu “contacto” com o camarada Josef Estaline, esse, aconteceu da seguinte maneira: eram frequentes na Patrício Prazeres as interrupções às aulas e os alunos iam juntar-se nas érre-gê-ás (reuniões gerais de alunos) no pequeno ginásio da escola. Numa dessas RGA's, o líder da reunião levantou-se da mesa, ergueu bem acima da sua cabeça o punho cerrado e determinou que se guardasse 1 minuto de silêncio pela morte de Estaline. Nessa altura, ao contrário do que se faz agora, o silêncio do minuto era mesmo silencioso, não era aos poucos invadido pelas palmas. Algures naqueles 60 segundos, uma rapariga atrás de mim toca-me no ombro e pergunta-me, muito baixinho, se eu conhecia o rapaz que tinha morrido. Voltei-me para ela e respondi-lhe com a expressão facial mais séria deste mundo, mas bem me rindo por dentro: «Não, não o conhecia, não era da minha turma...» A rapariga minha colega de escola não me fez mais perguntas...

### **75/76 - O ano que mudou a minha vida... por causa de Abril**

O acontecimento marcante deste ano escolar é o Serviço Cívico, e toda a minha vida, dessa altura até hoje, ficou marcada pelas experiências sociais e cívicas que nesse ano tive.

Aprensivos com a instabilidade geral do País e cientes da necessidade de entrar o mais depressa possível no mundo do trabalho (a nossa família era

de poucos recursos financeiros e antecipava-se a necessidade de fazer face aos custos de 3 filhos a estudar no ensino superior — no fundo, isso tinha sido a principal razão da mudança da família de Abrantes para Lisboa, já que o nosso pai era o único a ter um vencimento (a nossa mãe era doméstica), não haveria dinheiro para manter a casa em Abrantes e os 3 filhos a estudarem em Lisboa), o meu irmão e eu queríamos poder entrar o mais depressa possível no mercado de trabalho.

Procurávamos a estabilidade, o ensino superior ardia em instabilidade. Lembrámo-nos da Academia Militar, instituição escolar de aparência muito estável e consistente: o meu irmão e eu candidatar-nos-íamos à Academia Militar, faríamos o curso de Administração Militar (prosseguimento lógico da nossa formação em Economia, Contabilidade e Gestão de Empresas), cedo passaríamos a receber um vencimento, cumpriríamos o contrato de 8 anos nas Forças Armadas, e no final desse tempo decidiríamos se continuaríamos no Exército ou se sairíamos, o estado do País nessa altura ditaria a nossa sorte, o nosso futuro.

Conseguimos uma licença especial para ir treinar no tartan do Estádio Nacional as competências físicas das provas físicas de acesso à Academia. Papéis de candidatura todos prontos na mão, lá fomos à secretaria da Academia Militar na Rua Gomes Freire. Ao balcão, eu entrego os meus papéis, o meu irmão fá-lo-ia a seguir.

Já com os meus papéis na sua posse, o militar que nos recebeu é chamado por alguém a uma zona que eu não conseguia ver. Demorou-se um pouco. Quando voltou, pegou nos meus papéis e devolveu-nos, enquanto dizia: *«Olhe, este ano não vai haver entradas na Academia Militar, foram agora canceladas as vagas e o concurso.» «E p'ró ano?» «Não sabemos como vai ser no ano que vem, nem vamos saber tão depressa.»* Afinal, a instabilidade também tinha chegado à Academia Militar, e eu fui a primeira vítima dela.

Parece que não haveria maneira de escapar ao Serviço Cívico. Resignados, a nossa estratégia redefiniu-se assim: se não o podes evitar, escolhe antes que escolham por ti. É assim que chego à CERCI, ao trabalho sócio-comunitário que lá se iniciava, ainda por cima bem pertinho de casa, a uma distância de 10-12 minutos a pé, nos Olivais-Sul. Quem deu a pista da CERCI foi a professora Rosário, a que nos dava Filosofia: o marido fazia parte do grupo de cidadãos que arrancara com a ideia daquela escola de ensino especial.

A CERCI era um projecto sócio-educativo filho autêntico do 25 de Abril. O 25 de Abril estimulou com grande dinamismo o movimento cooperativo e a CERCI era expressão viva do mesmo: “*Se sentes na carne este problema, junta-te e faz uma CERCI*” era o desafio. E qual era o problema: a assistência social e educativa às crianças e jovens inadaptados. CERCI: Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Crianças Inadaptadas. Algum tempo lá mais para a frente, acabo por vir a fazer parte do grupo formado no “INSCOOP — Instituto António Sérgio do Sector Cooperativo” encarregado de fazer a regulamentação do funcionamento das cooperativas de ensino e educação. Eu era o representante nacional das CERCI’s. O INSCOOP foi criado em 1976.

Da CERCI ao curso de Psicologia em vez do curso de Economia, Gestão de Empresas ou Contabilidade foi um passo curto, uma decisão bem fácil de tomar. Eu tinha boas notas do secundário, no ordenamento das candidaturas ao curso de Psicologia da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação em Lisboa fiquei em 2.º lugar.

Em Fevereiro de 1976 chego à Direcção da CERCI; em Novembro de 1981 concluo a licenciatura em Psicologia; em Janeiro de 1982 torno-me psicólogo residente do 1.º Centro Educativo da CERCI, nos Olivais (o 2.º abriu em Chelas, bem perto de onde eu morava); no dia de Carnaval de 1982 sou chamado ao cumprimento do Serviço Militar, e além do contacto com outros psicólogos, no CEPE tomo contacto com alguns militares de Abril ali colocados; em Setembro de 1983 regresso à CERCI; e em Setembro de 1989 troco a CERCI pela Escola Secundária Eça de Queirós, para leccionar a disciplina de Psicologia do 10.º ao 12.º ano. Vou reformar-me no ano do 50.º aniversário do 25 de Abril.

Ainda durante o meu tempo de trabalho na CERCI, recebo a visita do Professor Joseph Edward Hasazi e sua esposa, do departamento de Psicologia da Universidade de Vermont, nos EUA. Depois de se inteirar, durante uma semana, acerca do que eu fazia na CERCI, o casal fez-me um convite para eu ir trabalhar com eles em Vermont. Disse-me Joe Hasazi: «*Nós pensávamos que estávamos a fazer o trabalho de ponta da Psicologia Comunitária em todo o mundo, mas você vai 20 anos à nossa frente.*» Fiquei satisfeito ao ouvir isto e lembrei-me dos ideais do 25 de Abril que tinha fixado para mim próprio. Nunca deixei de, aqui e ali, estar em contacto com Joe Hasazi até à sua morte em 2020.

## A Rua Actriz Palmira Bastos

A Rua Actriz Palmira Bastos só do lado poente tinha um longo conjunto habitacional de 6 lotes de 8 andares, por onde se distribuíam famílias de sargentos e oficiais dos 3 ramos das Forças Armadas. O lado nascente esperou mais de 10 anos pelo longo conjunto habitacional que desse lado foi depois erguido.

Da janela do nosso andar, eu via os prédios por acabar da Rua Tomás Alcaide. Esses prédios foram ocupados por populares a seguir ao 25 de Abril. Vários acidentes e mortes neles aconteceram, sobretudo à noite, nas caixas dos elevadores sem qualquer iluminação.

Ao final da tarde, toda a rua, praticamente sem trânsito automóvel, se transformava num grande pátio de convívio entre a rapaziada de todos os lotes, as mães ficavam à janela a ver os filhos brincarem e jogarem uns com os outros. À noite, depois do jantar, os mais velhos desciam outra vez à rua, mas agora resguardados em cantos mais recônditos, neles se iniciaram muitos namoricos, mas também, mais tarde, experiências de consumo de drogas.

Atravessámos na rua uma fase difícil, de assaltos às lojas de pequeno comércio no rés-do-chão dos vários lotes; e também de assaltos e roubos de automóveis dos inquilinos. Tão frequentes se tornaram que os militares-inquilinos se auto-mobilizaram e organizaram um esquema de vigilância que durava toda a noite. Combinaram-se rondas de duas horas, o militar-inquilino que acabava a sua ronda dava sinal, à janela, ao que se lhe seguia. Lá em casa, as rondas eram asseguradas pelo pai e os dois filhos. A mãe e a irmã, ainda muito nova, não faziam as rondas. Várias vezes me calhou o período das 2 às 4 da manhã, ou das 4 às 6. A situação dos assaltos só se resolveu quando uma noite um assaltante levou com um tiro do militar que estava de vigilância.

Com os anos, as casas na Tomás Alcaide (e muitas outras edificações do bairro) foram concluídas, os passeios da Rua Actriz Palmira Bastos também; e construíram-se os lotes habitacionais do lado nascente da rua. Agora a rua mantém muito comércio, os espaços pedonais ganharam áreas aos rodoviários. A rua, com cerca de 130 metros de extensão, tem mais de 50 árvores. O meu neto que vive num bloco habitacional à entrada de Montreux, na Suíça, quando veio passar uns dias a Lisboa, aos 8 anos, na primeira manhã, assim que saiu à rua para ir a uma das pastelarias, exclamou com contentamento: *«Esta rua é muito linda, tem tanta coisa!»*

## Do sonho ao desencantamento

Criei em meados dos anos 80 uma associação juvenil de âmbito local (o desenvolvimento natural do tal trabalho comunitário que iniciei na CERCI), que me proporcionou o muito honroso convite da Fundação Rotária Internacional para ir à África do Sul em 1992 como Embaixador da Boa Vontade. Por duas vezes a associação juvenil “Os Traquinas da Boa Vida” foi escolhida pelo FAOJ (Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, a estrutura governativa que antecedeu o Instituto Português da Juventude) para representar Portugal em encontros mundiais da juventude, uma vez na Colômbia e outra vez em Espanha.

Coordenei, na freguesia de Santa Maria dos Olivais, um projecto comunitário de Prevenção da Toxicodependência. De 2009 até 2019 levei, em liderança coordenada com um pequeno grupo de colegas professores da Eça, 7 grupos de alunos (entre 20 e 24, cada um deles) ao Parlamento Europeu em Estrasburgo e em Bruxelas, em concursos escolares ganhos pelos alunos liderados por um pequeno grupo de professores. No final do ano lectivo de 2016/17, fiz parte da equipa que ganhou a primeira edição em Portugal do programa da União Europeia “Escola Embaixadora do Parlamento Europeu”. Tive a honra e o privilégio de me fazer associado da Associação 25 de Abril pelas mãos de dois notáveis Capitães de Abril; e finalmente tornei-me “companheiro capitão” da Associação Salgueiro Maia.

Estou eu a falar dum 24 de Abril de sucesso? Não, infelizmente não estou. Nestes 50 anos, não obstante uma melhoria material geral nas condições de vida dos cidadãos<sup>1</sup> portugueses, a condução política do País não resolveu os grandes problemas da distribuição justa dos recursos e dos rendimentos por todos os cidadãos; e as áreas que um dia nos fizeram sonhar — a Saúde e a Educação — têm-se degradado a olhos vistos. Os privilégios de poucos portugueses têm aumentado muito e também têm aumentado muito as dificuldades

---

(1) “os 10% que estão no topo da escala, concentram quase 25% de todo o rendimento do país. Se deixarmos o fluxo de dinheiro e olharmos para o património acumulado, a disparidade é maior ainda: os 5% mais ricos em Portugal têm nas suas mãos 42% de toda a riqueza. Num caso somos o quinto país mais desigual da União Europeia, no outro o quinto mais desigual da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico, um universo mais alargado de países.” <https://expresso.pt/economia/2022-01-27-Cinco-por-cento-dos-portugueses-concentram-42-dariqueza-b48893e6>

de muitos portugueses — são irrefutáveis os dados concretos que se têm atualizado com regularidade. Os Presidentes da República, os 1.ºs Ministros e a generalidade de governantes e poderosos lamentam sempre e sempre a saída dos jovens do País, e sempre-e-sempre nada de verdadeiramente importante fazem para estancar este moderno fluxo de emigração.

Em 2007, um grupo de cientistas sociais liderados por António Barreto produz em vídeo uma série documental que retrata a sociedade portuguesa contemporânea dessa altura, mostrando as transformações havidas, muitas delas induzidas pelo 25 de Abril. A série chama-se “Portugal, Um Retrato Social”. Acontece que António Barreto é, nos dias de hoje, um dos mais activos contestatários do rumo que os governantes dos partidos do “Arco da Governação” imprimiram à (des)governança do País; e das condições “modernas” de vida a que trouxeram os cidadãos. É, muito faz lembrar os 3 estados de que falou Salgueiro Maia aos seus soldados na madrugada de 24 para 25 de Abril, e mais uma vez, 50 anos depois da Madrugada da Justiça, do Desenvolvimento, da Paz e da Esperança ganha voz o lamento do «estado a que chegámos», lamento que partilho mais do que nunca.

Olhando para trás, do grande sonho do 25 de Abril de 74, muito se foi perdendo, muito se foi deteriorando. A consciência especialmente aguda que ganhei de que a “democracia”, como a dos vampiros do Zeca Afonso, estava a sugar os portugueses até ao tutano dos ossos aconteceu quando o incrível José Sócrates alterou as regras de jogo dos certificados de aforro de tantos e tantos portugueses idosos, assim se chegando ao grau zero da dignidade cívica, da honestidade governativa e da confiança política.

Um estudo de 2007 é citado numa notícia do Diário de Notícias em Fevereiro de 2007 da seguinte maneira: “Os *Certificados de Aforro* correspondem ao perfil do pequeno ou médio investidor, que pretende um produto seguro, de simples compreensão, que conjugue uma grande liquidez com o incentivo à poupança por períodos longos”, destaca o estudo da Sefin. Logo, “trata-se de um produto a que recorrem muitos idosos para acautelar as suas poupanças. A confiança no produto é fundamental numa óptica de coesão social e de valorização do Estado de Direito”. Em Janeiro de 2008, o Governo de José Sócrates altera as regras dos certificados de aforro, assim certificando autocraticamente a Política-do-Vale-Tudo-É-assim-que-Manda-a-Maioria-Absoluta. A partir desta altura tornei-me adversário das maiorias absolutas de partido único. Sei pouco de como é noutros países; no nosso, em Portugal, constato, com mágoa, que não temos cultura

cívica nem política para as maiorias absolutas de um só partido, de uma só cor. Resvalamos sempre, à primeira oportunidade, para a arrogância, o autoritarismo e a prepotência, anulando completamente os valores do Respeito e da Ética. Vem-me à cabeça o desabafo que o historiador romano põe na boca de Júlio César, talvez mostrando que o mal vem de longe: «*Há nos confins da Ibéria um povo que nem se governa nem se deixa governar.*» Está por fazer-se a educação da capacidade negocial, da cedência recíproca; e da honestidade dos comportamentos na gestão da Res publica.

### **O magistério de professor e os Capitães de Abril**

Penso que nunca deixei de celebrar o 25 de Abril com os meus alunos. Com alguns conversei nas aulas, a outros mostrei filmes; outros ainda levei a lugares das operações militares em Lisboa. Só fiquei plenamente satisfeito quando pus os meus alunos em contacto directo com os Capitães de Abril e outros protagonistas reais do 25 de Abril.

O primeiro que levei à Eça foi o Capitão Rodrigo Sousa e Castro (ano lectivo 2015/16). Ele animou sessões sobre o 25 de Abril em ambiente de sala de aula (30 alunos) e em ambiente de auditório (200 alunos), por mais do que uma vez (2015/16, 2016/17, 2017/18). Foi ele que também orientou a visita de alguns dos meus alunos aos Arquivos da PIDE/DGS na Torre do Tombo (Junho de 2016); e um dos meus alunos fez um trabalho monográfico sobre ele, no mesmo ano lectivo que um outro aluno fez o trabalho monográfico sobre o avô que tinha sido agente da PIDE. Deu-se o caso do Capitão Rodrigo Sousa e Castro, que foi o Militar de Abril encarregado de presidir à comissão de extinção da PIDE/DGS, se lembrar do avô do meu aluno.

Também levei à escola o Capitão-historiador Aniceto Afonso (2021/22); e da Associação Salgueiro Maia os companheiros-capitães João Andrade da Silva, Carlos Maia de Loureiro, Fernando Frederico e Leonardo Antão (2022/23). Outra minha aluna, entretanto, no ano lectivo anterior (2021/22), tinha feito um trabalho monográfico sobre o Carlos Maia de Loureiro.

Tivemos também o privilégio de receber na escola o notável fotógrafo Eduardo Gageiro em 3 ocasiões distintas (2017/18, 2022/23 [duas vezes]). Na última, juntámo-lo ao Carlos Maia de Loureiro e ao Victor Teles, os militares que mais se destacam ao lado de Salgueiro Maia na icónica fotografia da Ribeira das Naus.

## **Continuar a cantar José Mário Branco**

Morreu o 25 de Abril? Não sei... Talvez...

Morreu o sonho do 25 de Abril? Não! Em mim, seguramente que não! E sei que há muitos portugueses que também o mantêm vivo.

Provavelmente a melhor maneira de falar do Sonho do 25 de Abril tal como agora o possamos sentir e pensar está consubstanciada no poema que José Mário Branco cantou em 1982, “Eu vim de longe”.

Nunca eu deixarei de cantar estas estrofes:

*Quando finalmente eu quis saber / Se ainda vale a pena tanto crer / Eu olhei para ti / Então eu entendi / É um sonho lindo para viver / Quando toda a gente assim quiser  
/// Tenho esta viola numa mão / Tenho a minha vida noutra mão / Tenho um grande amor / Marcado pela dor / E sempre que Abril aqui passar / Dou-lhe este farnel pra o ajudar.*